

OS CONSTRUTORES DE ESPAÇOS MENTAIS NO DISCURSO INFANTIL¹

FARIA, Evangelina Maria Brito de
(Universidade Federal da Paraíba)
*MEDEIROS***, Neilson Alves de

Resumo: O presente trabalho pretende discutir o papel dos construtores de espaços mentais nos textos orais infantis. Com isso, buscamos respaldo nas teorias que integram a Linguística Cognitiva, em especial a teoria dos Espaços Mentais, cujo escopo consiste no entendimento de como o conhecimento é construído nas diversas atividades interativas. De modo a compreender melhor tal funcionamento, selecionamos alguns trechos de corpus com crianças na faixa etária de 3 anos, em situação escolar. Acreditamos que nossa análise sob o enfoque da Linguística Cognitiva traz contribuições para o quadro dos estudos em Aquisição da Linguagem, uma vez que podemos elucidar alguns dos mecanismos que a criança adota para se integrar ao universo da linguagem. Para tanto, daremos atenção especial a um dos traços que constitui os espaços mentais e que é geralmente marcado linguisticamente, sendo denominado como construtor de espaços mentais.

Palavras-chave: construtores de espaços mentais; aquisição da linguagem; fala infantil.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir o papel que os construtores de espaços mentais assumem no desenvolvimento do discurso oral infantil, levando em conta os pressupostos do quadro da Linguística Cognitiva, enfatizando a Teoria dos Espaços Mentais. Dessa forma, é possível constituir um caminho em busca de uma melhor compreensão da dinâmica entre os processos cognitivos e o uso da língua. De modo a dar um caráter mais consistente aos nossos objetivos aqui descritos, iniciaremos pela apresentação concisa da Teoria dos Espaços Mentais, além de incluir rapidamente questões relacionadas à teoria das metáforas primárias, que seria uma vertente da Linguística Cognitiva em interface com os estudos aquisicionistas e, finalmente, estabelecer um diálogo entre essas teorias e os estudos em Aquisição da Linguagem de natureza interacionista. Após nossa teorização, partiremos para algumas análises de textos orais, pontuando a presença e função dos construtores de espaços mentais.

A Teoria dos Espaços Mentais

A Linguística Cognitiva opera com diversas teorias que buscam descrever os processos de construção da significação e as implicações que tais processos possuem

¹ Projeto A construção da textualidade na fala infantil CNPq. Proc. N° 480566/2009-10

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFPB)

sobre os usos da linguagem. Dentre essas teorias, podemos destacar aqui a Teoria dos Espaços Mentais.

Para compreendermos os espaços mentais, é necessário situarmos esse modelo teórico. A Linguística Cognitiva consiste em uma das áreas dos estudos da linguagem que integra os processos cognitivos às atividades relacionadas à linguagem. Isso significa, segundo Miranda (1999), que o discurso toma por base construções cognitivas complexas. Entretanto, associar língua e cognição nos leva a perguntar o que exatamente se caracteriza como cognitivo. Primeiramente, seria necessário redimensionar o termo ‘cognição’, extrapolando-a para além do cérebro, o que rompe de uma vez com a noção de mente fechada em si. Trata-se de uma entidade corporificada, ou seja, as experiências pelas quais nosso corpo passa estão fortemente atreladas à constituição do conhecimento. Em segundo lugar, podemos ir mais longe e afirmar que a cognição também é de ordem social, o que implica situá-la nas interações e nos modelos culturalmente elaborados.

Nas construções cognitivas, há a presença de domínios, que podem ser definidos como conjuntos de conhecimentos estruturados. Tais domínios podem ser de dois tipos: estáveis ou locais.

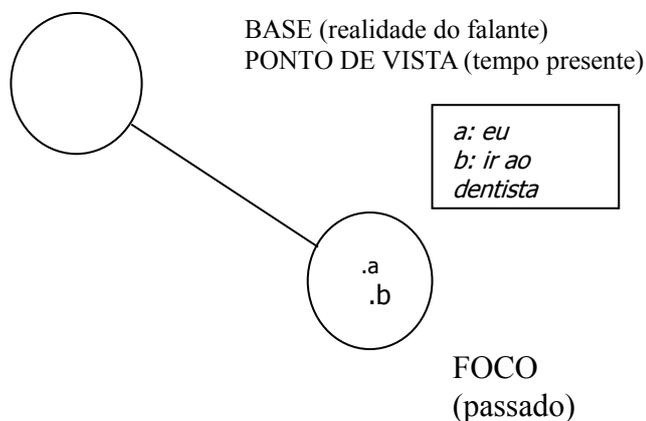
Os domínios estáveis dizem respeito à memória pessoa e social enquanto os domínios locais são representados geralmente pelos Modelos Cognitivos Idealizados. Já os domínios locais ou espaços mentais são responsáveis pela operação do conhecimento enquanto falamos, levando em conta os conhecimentos prévios e estruturados (domínios estáveis). Essa relação entre domínios estáveis e locais permite que o discurso seja altamente dinâmico, uma vez que partimos de conhecimentos previamente estabelecidos juntamente com as situações concretas de uso da língua, elaborando novas estruturas de significação.

Com a teoria dos Espaços Mentais, é possível ilustrar como as estruturas são desenvolvidas no nível cognitivo à medida que os enunciados são elaborados. Essa dinâmica não ocorre de modo simples, mas mobiliza uma série de fenômenos que interagem entre si e tornam-se materializados nas expressões linguísticas. Fauconnier apud Azevedo (2006) faz analogia dos espaços mentais com a nossa percepção, definindo algumas categorias de estruturação desses processos: Base, foco e ponto de vista. A BASE refere-se à realidade do falante, o FOCO está ligado ao ponto sobre o qual a atenção é colocada e o PONTO DE VISTA é o ponto de referência que é tomado para acessar outras estruturas, determinando a natureza tempo-aspectual do enunciado. Se observarmos bem, podemos perceber que tais categorias colaboram para que seja conferida a noção de lugar de significação aos espaços mentais. Em suma, os espaços mentais surgem à medida que elaboramos nossos discursos, servindo como molduras que permitem a compreensão do que é dito. Nesse jogo entre domínios estáveis e espaços mentais, os falantes não precisam realizar grande esforço cognitivo toda vez que um discurso for produzido, pois os domínios fornecem base para manter suas construções compartilháveis com os demais falantes da língua.

A seguir temos um exemplo de como a diagramação dos espaços mentais acontece, em que os enunciados são observados no nível cognitivo, sendo possível mapear o funcionamento que a conceptualização adquire para chegarmos ao discurso. Vejamos:

1. Ontem eu fui ao dentista.

Em 1, podemos perceber que a significação atribuída ao enunciado parte das categorias de BASE, PONTO DE VISTA e FOCO. No caso analisado, o construtor de espaço mental ‘Ontem’ cria um espaço temporal de passado, situando a ação descrita em um determinado ponto, que integra a BASE (realidade do falante, que se encontra no tempo presente). A partir daí, há a exposição de um fato que ocorreu no passado (ir ao dentista), constituindo o FOCO em um evento passado e que é assumido sob o PONTO DE VISTA do falante que está no presente. Descrever essa diagramação parece simples para um usuário da língua, já que essas construções são tão comuns em nossas trocas interativas. Contudo, vale ressaltar que as categorias aqui expostas referem-se à instância cognitiva, devendo-se evitar uma análise de caráter textual, de superfície lingüística. Portanto, o escopo da análise na Teoria dos Espaços Mentais compreende não apenas o texto, o discurso, mas aquilo que lhe corresponde nas estruturas mentais.



Quadro 1: diagramação simplificada do espaço mental (baseada em AZEVEDO, 2006)

Com o quadro acima, verificamos que a produção de um único enunciado já é suficiente para ativar os elementos responsáveis pela emergência de um espaço mental. O construtor de espaço mental ‘ontem’, reforçado pelo traço temporal de pretérito do verbo ‘ir’ apontam a BASE, que é a realidade do falante. O dêitico em questão também delinea o PONTO DE VISTA, localizado no tempo presente e que é inferido com a oposição entre ontem (passado) a hoje (presente). Em relação ao FOCO, podemos observá-lo na ação realizada no passado ‘fui ao dentista’, para onde a atenção é projetada.

Os espaços mentais são de natureza fluida e efêmera, agindo em função de atividades enunciativas bem locais, demandando criatividade e acesso a outros domínios culturalmente definidos. Sua complexidade torna-se mais consistente quando nos voltamos para o processo de mesclagem, que visa à integração conceptual entre espaços mentais para a constituição de enunciados inovadores do ponto de vista da significação.

Diante dessa rede conceptual em que os espaços mentais são postos em funcionamento a todo momento, surge a necessidade de compreender como esse processo ocorreria no discurso infantil. Muitos estudiosos como Tomasello (2005) e Pinker (2002), por exemplo, buscam propor modelos que explicam o ingresso da criança na linguagem. Seríamos programados para falar? Ou a linguagem seria um aprendizado sociocultural?

De um modo ou de outro, encontramos em Langacker (1977) uma tentativa de

aliar as vertentes opostas nos estudos em Aquisição, denominando-a de postura da complementaridade. Segundo o autor, a aquisição da linguagem não estaria apenas na dotação genética nem na influência social. Ambos os fatores seriam responsáveis pelo surgimento da língua nos humanos. Ao discutir um pouco de como opera a Linguística Cognitiva na análise dos discursos, fica evidente que esse campo de estudos encara o fenômeno da linguagem como situado no corpo (mente) e na sociedade. A mente, portanto, está distribuída no corpo e nas atividades sociais, englobando, por decorrência, a linguagem nessa dimensão.

Voltando-se para a aquisição, a Linguística Cognitiva certamente pode contribuir de modo conciliatório na investigação da linguagem infantil, já que as questões biológicas (não-gerativistas) e sociais estão em constante interação no mapeamento das operações cognitivas que subjazem a língua.

No que concerne à interface Aquisição da Linguagem – Linguística Cognitiva, convém mencionar aqui a teoria das metáforas primárias (GRADY apud LIMA, 2006), que reconhece os primeiros anos de vida de uma pessoa como uma etapa importante do desenvolvimento de metáforas que estão associadas às experiências corpóreas pelas quais a criança passa junto às atividades de caráter social. Dessa forma, as metáforas primárias assumem papel basilar na construção de outras metáforas conceptuais ao longo da vida.

A fim de reforçar as possibilidades de análise da fala infantil sob o enfoque da Linguística Cognitiva, traremos para a discussão alguns trechos de discursos produzidos por crianças. Nosso objetivo, como colocado anteriormente, será refletir sobre o papel que os construtores de espaços mentais adquirem nos enunciados das crianças, elucidando a presença dos espaços mentais desde os primeiros usos da língua pelo falante.

A criança e os construtores de espaços mentais

Segundo Miranda (1999, p. 86), os espaços mentais são interligados externamente por meio de conectores que podem ser linguísticos ou contextuais. Esses conectores são chamados de construtores de espaços mentais e funcionam como o elemento que não apenas liga um domínio local a outro, mas anuncia de certa forma sua existência, composta das categorias de BASE, PONTO DE VISTA e FOCO.

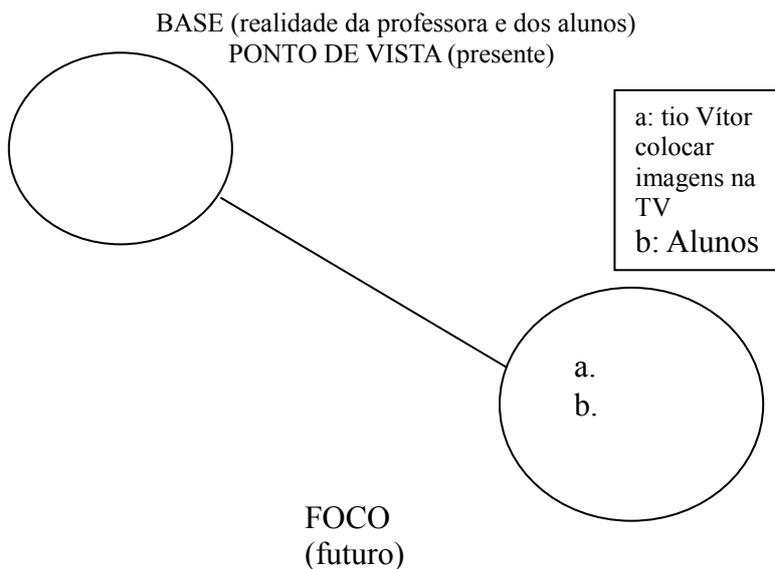
Ainda de acordo com a autora, os construtores podem ser de vários tipos: sintagmas preposicionais, sintagmas adverbiais, conectivos, marcas de tempo e modo verbal.

Análises realizadas por Faria e Medeiros (2006, 2007) acerca dos elementos de construção da textualidade na fala infantil apontam que crianças de 3 anos de idade já possuem em seu repertório os conectivos, a marcação de tempo verbal e o uso de palavras do mesmo campo semântico, conferindo coesão e coerência a seus textos. Com isso, acreditamos que tais elementos já cumprem a função de construtores de espaços mentais na linguagem infantil, criando a possibilidade de um olhar cognitivista sobre a Aquisição da Linguagem. Para ilustrar melhor nossa hipótese, vejamos o trecho abaixo, extraído de um corpus em que a professora interage com 10 alunos de 3 anos de idade e propõe que eles assistam a exposição que um colega fizera sobre o jogo pega-gelo:

	televisão pra gente se ver. Vocês vão assistir depois o Bruno falar, a Flávia, a Eduarda, a Aline, Igor, Helena, Carlos, Leandro, Jonas, todo mundo vai se ver na televisão de coelhinho, que coisa boa, hein?
291.O grupo	Êêêê.

Quadro 2

No evento acima, um espaço mental é construído pela professora de modo que seus alunos compreendam o objetivo da atividade da qual elas participam: assistir a elas mesmas no vídeo e observar como se saem na exposição oral. Para que esse espaço ganhe vida, um sintagma em especial direciona a atenção das crianças para o evento discutido: ‘lá na televisão’. Apesar de o referido sintagma não vir logo no começo do enunciado, ele reveste-se como um construtor de espaço mental de lugar, pois o termo instaura a noção de que a TV será um lugar onde os eventos atuais serão reproduzidos. O discurso ora analisado parte da professora, mas ele compõe nossa discussão devido ao fato de que as orientações da professora são compreendidas pelas crianças e, portanto, a significação é sancionada no curso interacional. Em uma tentativa de diagramação desses enunciados, podemos ter a seguinte estrutura simplificada:



Quadro 3

Na diagramação acima, vemos que a BASE recai na realidade da professora e dos alunos, o PONTO DE VISTA se enquadra no tempo presente e o FOCO é a projeção da atenção para o futuro. É interessante sublinhar a injunção presente nesse espaço, em que a professora orienta as próximas ações das crianças utilizando um evento que ainda ocorrerá e que, para ser bem sucedido, pressupõe a colaboração de todos. As crianças, por sua vez, ratificam a construção do espaço mental, comemorando a atividade programada pela professora, indicando que elas já se encontram no jogo de adentrar espaços em que o foco é diferente. Vejamos agora um trecho em que Bruno (nome fictício), no momento em que assiste ao vídeo citado pela professora, analisa sua própria performance na exposição das regras do jogo:

304.Pesq	Deu pra escutar direitinho o que Bruno Falou na televisão?
305.Bruno	((?))
306. Profa	Não, Bruno. A gente tá conversando agora sobre o que você falou.
307.Est.	Todo mundo entendeu o que Bruno falou? Ele falou baixinho?
308.Pesq	É, quando assistiu pela TV, deu pra entender o que ele falou, deu pra entender?
309.Bruno	Não, mas na televisão eu falo baixinho.
310.Pesq	Fala baixinho?
311.Est	Mas você entendeu o que você falou na televisão? Deu pra entender o que você tava falando?

Quadro 4: Pesq (pesquisador), Profa (professora), Est (estagiária)

Nesse trecho, a construção do espaço mental ocorre no enunciado de Bruno (linha 309), em que ao ser indagado sobre o modo como sua fala foi elaborada, utiliza o sintagma ‘na televisão’ como construtor de espaço mental. A BASE corresponde à realidade de Bruno, que avalia sua produção sob um PONTO DE VISTA no tempo presente em relação ao que já se passou: o FOCO está relacionado ao que está sendo exibido no vídeo. Poderíamos afirmar, portanto, que o domínio local existente nesse caso seria o de imagem, em que o Bruno que aparece no vídeo fala mais baixo que o Bruno avaliador, que coincide, em sua opinião, com o Bruno do presente. Nesse caso, retomando um pouco das teorias pragmáticas, podemos caracterizar esse construtor de espaço mental como uma estratégia que a criança adota para diferenciar seu desempenho cotidiano daquele que está contido no vídeo.

Tal operação realizada por Bruno nos faz acreditar que os espaços mentais, apesar de sua complexidade e dinamicidade, já funcionam como ferramentas poderosas nos discursos infantis. Para concluir nossa análise, vejamos outra criança, Flávia, avaliando o desempenho de Bruno e valendo-se da construção de espaço mental:

326. Profa	Flávia, entendeu o que o Bruno falou?
327.Flávia	Quando ele fala baixinho?
328. Profa	Quando ele fala baixinho, você entendeu ele bem direitinho?
329.Flávia	Não, nada.
330. Est	Nada?

Quadro 5

Ao ser convidada para avaliar a fala de Bruno no vídeo, Flávia busca precisar o momento em que seu colega fala na gravação. Para isso, a pergunta ‘Quando ele fala baixinho?’ é lançada, criando o espaço mental com o construtor ‘quando’. Esse elemento produz um espaço temporal, cujo FOCO é a ação de Bruno falar baixinho que provoca a reação de incompreensão por parte de Flávia. Mais uma vez, a construção do espaço mental pela criança funciona como estratégia interativa, objetivando adequar-se ao diálogo compreendido.

Em nossa breve análise, podemos comprovar que crianças de 3 anos já são capazes de lidar com processos dinâmicos de construção das significações, utilizando os construtores de espaços mentais para transitar por diferentes semioses, possibilitando outros processos de ordem mais complexa como a mesclagem.

Considerações finais

Nosso trabalho teve como objetivo discutir o papel dos construtores de espaços mentais nas produções orais de crianças de 3 anos de idade. Para tanto, apresentamos as principais características do modelo teórico dos espaços mentais, para em seguida observar a linguagem oral infantil sob tal enfoque.

Nosso estudo orientou-se pela análise de textos orais de crianças na pré-escola e pudemos comprovar que as crianças são capazes de produzir e compreender enunciados que em nível cognitivo são sustentados por espaços mentais. Verificamos ainda que a presença dos espaços mentais permite que a criança utilize a língua de maneira criativa, entrando em diversos tipos de significação local no curso das interações das quais elas participam.

Nossa pretensão não foi esgotar as possíveis formas de entender a diagramação dos domínios locais, mas sim elucidar sua presença e importância no processo de aquisição da linguagem. Por fim, acreditamos que a Linguística Cognitiva pode trazer muitas contribuições para os estudos aquisicionistas, ao passo que suas metodologias e categorias de análise são muito inovadoras para o campo em questão.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta (2006). *Estrutura narrativa e espaços mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- FARIA, Evangelina Maria Brito de. & MEDEIROS, Neilson Alves de (2008). *A construção da textualidade nos gêneros orais infantis. Relatório técnico-científico*. PIBIC, UFPB.
- LANGACKER, Ronald (1977). A universalidade no plano da linguagem. In: *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis: Editora Vozes.
- [LIMA, Paula Lenz Costa](#) (2006). About primary metaphors. *DELTA [online]*. v. 22, n. spe, pp. 109-122.
- MIRANDA, Neusa Salim (1999). Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. *Revista Veredas*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 81-95.
- PINKER, Steven (2002). *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- TOMASELLO, Michael (2005). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes.

